

UM CURSO DE GEOBIOLOGIA 8: AS MIL E UMA NOITES: A INTERAÇÃO HOMEM E NATUREZA – A BUSCA DA UNIDADE NA DIVERSIDADE

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

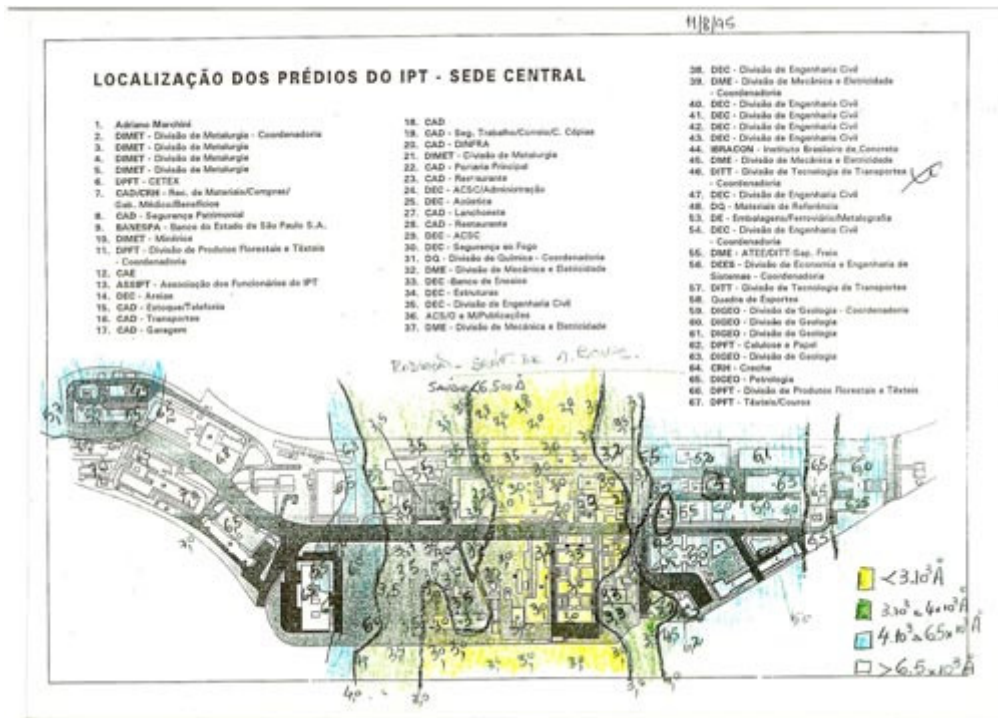
Em 1995, trabalhando no IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de S. Paulo, comecei a estudar as anomalias microvibratórias anômalas do terreno da instituição. A título de treinamento em meus primeiros estudos de geobiologia. Estudos com o intuito somente de aprender a interagir com o mundo não visível, já que agora era possuidor de um novo método de observação sistemática da natureza. Após o curso de radiestesia e de ter lido em detalhes o Grande Livro da Casa Saudável de Mariano Bueno, comecei a aplicar o conhecimento adquirido diretamente no que eu denomino: no campo. Trabalho de campo é essencial para o estudo da geobiologia. Como na época não tinha muitos gráficos para medição, a não ser aqueles genéricos do Mariano Bueno, então utilizei o que tinha em mãos na época: o Biômetro de Bovis e a Tabela Universal dos irmão Servranx, que na prática um corresponde ao outro.

Andando pelo IPT diariamente comecei a observar as mudanças de relevo na superfície como reflexo das influências vindas do subsolo. Deve-se ter claro que não se vê na superfície o que ocorre na subsuperfície.

Consegui uma planta geral do IPT e comecei a realizar um estudo comparativo entre as observações na planta do terreno, uma observação indireta e a distância, não local, com a observação diretamente no terreno com os gráficos que dispunha.

Realizei o trabalho na planta e fui confirmar no terreno. Naquela época eu não confiava plenamente na radiestesia, não tinha certeza que de fato poderíamos perceber influências do local que afetavam meu organismo e através de um pêndulo e gráficos poderíamos captar o mundo invisível. Os gráficos eram os “tradutores” simbólicos do que o meu organismo emitia ao passar por locais com anomalias microvibratórias anômalas.

Veja as plantas estudadas do terreno do IPT. Não se assustem com as curvas que eu denomino de curvas de isofrequências anômalas dos locais. À semelhança com curvas de nível, denominadas de isométricas ou curvas de mesma metragem em cada curva. Essas curvas encontram-se em mapas topográficos mostrando as variações do relevo. Dê uma estudada nesses mapas.



Marcos Alves de Almeida

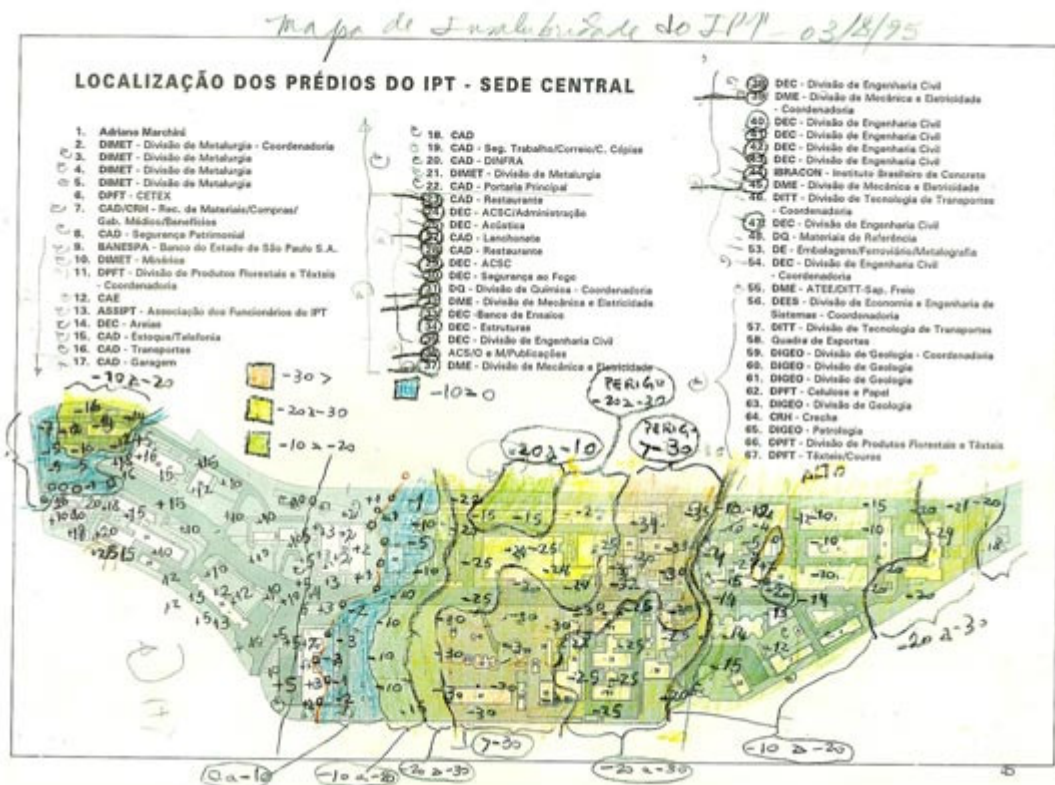
Figura 1

Observem que do lado esquerdo do terreno encontra-se com energia de 6.500A (unidades Bovis), com exceção do extremo superior esquerdo. A medida que vamos caminhando para o lado direito, ao longo do IPT, começa a mudar a energia emitida pelo terreno que passa a medidas de 6.000A , 5.500A , 3.500A até no meio onde predomina medições de 2.000A a 1.800A e caminhando rumo ao lado direito encontramos medidas voltando para valores de 3.300A a seguir 5.500A até uma faixa de 6.500A .

Com essa observação na superfície, comecei a indagar o que poderia ser essa mudança de comprimento de ondas e como consequência, aumento na frequência microvibratória. Verifiquei que o meu organismo acelerava para se adaptar às variações de frequências, assinaladas na régua Bovis.

Resolvi, antes de tudo, utilizar o outro gráfico em mãos: a Tabela Universal dos Irmãos Servrans para fins de comparação.

Veja a seguir o mapa obtido com essa Tabela.



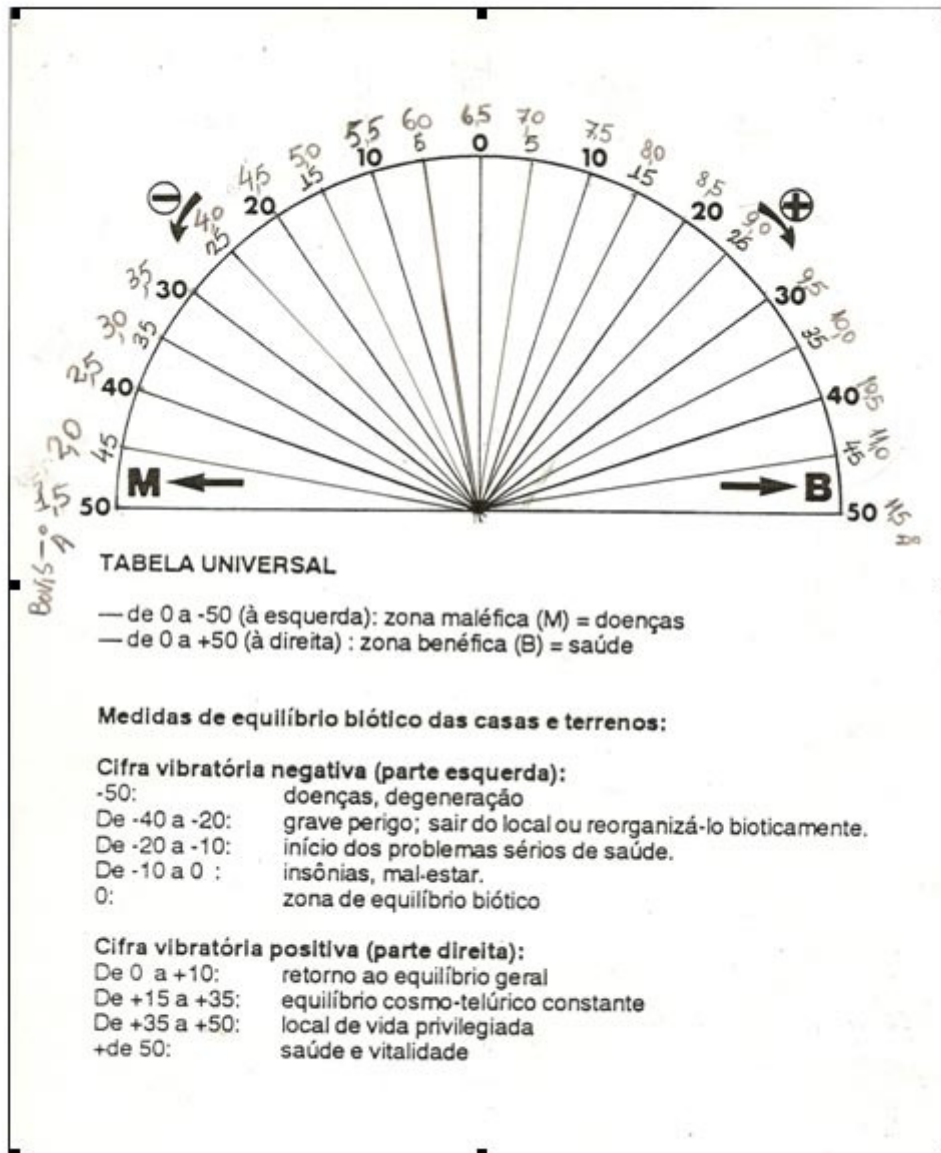
Marcos Alves de Almeida

Figura 2

Vejam que a utilização da Tabela Universal tinha total correspondência com a régua Bovis. Essa comparação me deu mais certeza de que realmente estava obtendo resultados interessantes.

Comecei a estudar na USP e arredores o que poderia ocasionar um aceleração em nosso organismo refletido pelos instrumentos de medição: pêndulo e gráficos.

Veja a comparação entre os gráficos.



Irmãos Servrans

Irmãos Servrans

Figura 3

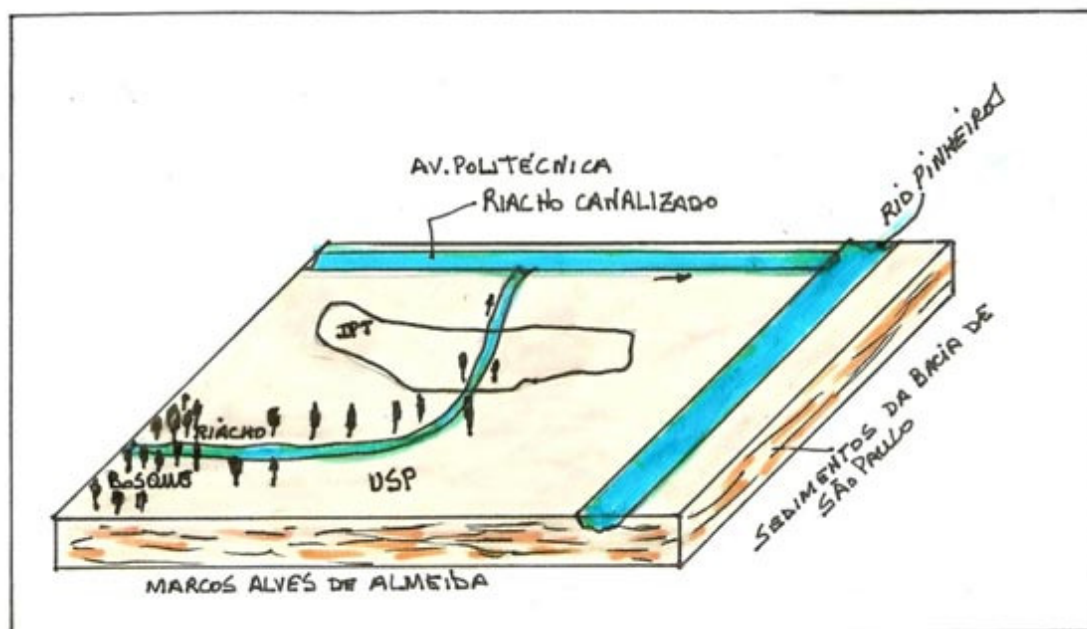
Esse gráfico dos irmãos Servrans coincide com as medições pela régua Bovis. Veja à lápis as medições em unidades Bovis.

Vocês estão vendo o tipo de análise geobiológica que é aplicada em vários países do mundo. Utilizam uma terminologia genérica com uma comparação entre valores e doenças e perigos. Tanto a régua Bovis como a Tabela Universal não dão diagnósticos do que realmente causou esses resultados anômalos: -50 doenças, degeneração, etc...

Para descobrir o que realmente ocasionava essa mudança de energia de um local saudável para um local com anomalias nocivas era necessário percorrer toda região para

entender o significado que o nosso organismo indicava e de forma indireta captamos através de gráficos e pêndulos, que não passam de coadjuvantes auxiliares da percepção.

Veja o desenho ilustrativo do que ocorria por baixo da superfície.



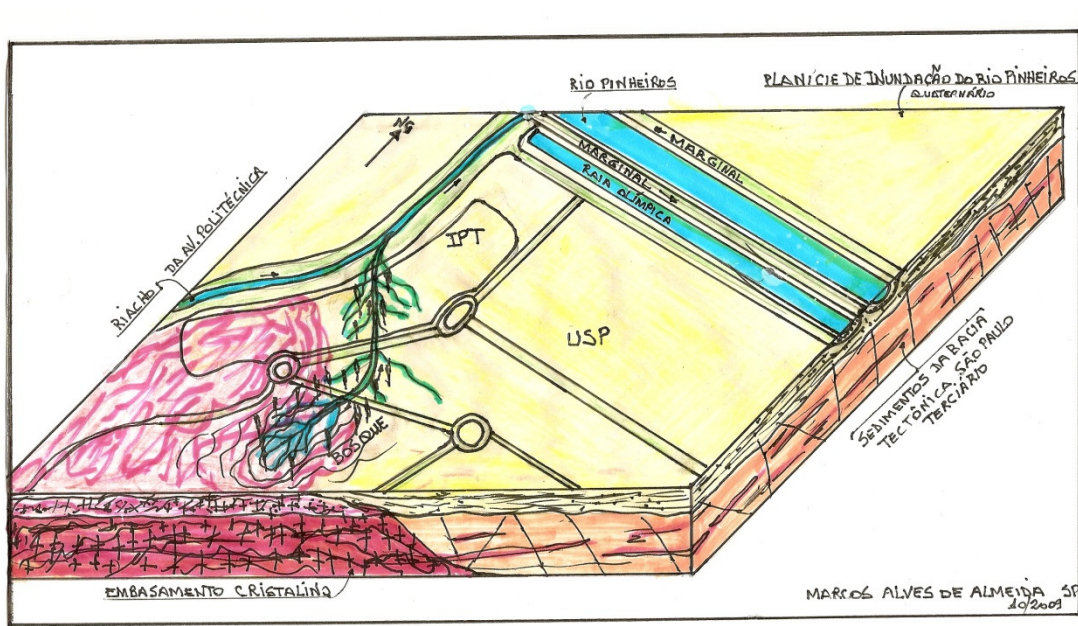
Marcos Alves de Almeida

Figura 4

Essa figura simples mostra sem complicações o que realmente estava ocasionando uma mudança energética no subsolo. Fui até a nascente de um duto de água subterrânea no subsolo que nascia no bosque da USP e que percorria um trajeto até o riacho canalizado da atual Av. Politécnica que desemboca no rio Pinheiros.

Ainda mais: estudei todas as árvores no trajeto e verifiquei, sem exceção que todas estavam infestadas de cupim, até hoje em dia. As rainhas dos cupinzeiros procuram lugares irradiados, o que sugere que elas produzem melhor nesses locais. Mas devo deixar claro que essa correspondência não é biunívoca, ou seja, deve sempre verificar essa hipótese. Não se pode, simplesmente, “acreditar” e então, todos os locais que tiver cupins a pessoa conclui: tem água subterrânea no local. Não se pode, em pesquisa espacial, utilizar uma relação linear e simplista. Deve-se verificar diretamente no local.

Agora com um desenho mais exato, situamos o IPT no contexto topográfico, de solo, rochas sedimentares da Bacia de S. Paulo e do cristalino (do lado esquerdo do desenho).



Marcos Alves de Almeida

Figura 5

Agora vocês podem entender melhor a mudança de energia do local. Do lado esquerdo inferior do desenho encontram-se rochas do cristalino maciças, com um relevo levemente mais alto. Nesse a energia é equilibrada com: 6.500Å. A medida que caminhamos para o lado direito, no desenho vemos o IPT e o caminhamo é rumo ao norte (veja a seta do norte magnético NV no lado esquerdo superior do desenho). Caminhando na direção dos sedimentos (em amarelo), encontramos no subsolo a presença de um duto de água subterrânea, onde há emissão de débil campo elétrico, pelo movimento da água no subsolo, reagindo com os sais minerais gerando o campo elétrico, o que acelera a frequência, aumentando a sua velocidade, incompatível com a nossa energia, do nosso organismo. Por isso é que captamos uma anomalia em nosso organismo e através do pêndulo e dos gráficos nos é possível percebê-las. Ok! Já explicamos, em outros artigos, à exaustão, esse mecanismo de captação indireta do mundo invisível não perceptível pelos cinco sentidos.

Vocês viram agora que é necessário descobrir realmente o que está emitindo anomalias e não utilizar gráficos e pêndulos sem saber o que está acontecendo. Não se pode realizar uma cura correta com diagnóstico errado.

Veja, antes, a linguagem utilizada pelos radiestesistas em geral na Figura 3. A linguagem para analisar os problemas de um local não busca dar um diagnóstico dos tipos de anomalias eletromagnéticas atuantes.

Veja a descrição da Tabela Universal dessa figura: Cifra negativa do lado esquerdo: -50 – doenças, degeneração; -40 a -20 – grave perigo (sair do local ou reorganizá-lo); de -20 a -10 – início dos problemas de saúde, de -10 a 0 – insônias, mal estar.

Vocês estão vendo que não foi descoberto o problema que indique o por quê dessa cifra: doenças, degeneração etc... É necessário verificar, antes, que tipo de energia contém o local: se são radiações eletromagnéticas não-ionizantes e/ou ionizantes.

Tem uma diferença crucial na análise geobiológica. Pode ser que indique a cifra de -50 (doenças, degeneração), mas na verdade o local tem uma inclinação e um solo espesso que pode conter água subterrânea em movimento que emite um débil campo elétrico. Esse tipo de ionização é não-ionizante, precisaria muitos anos para afetar alguém, mais de 40 anos, mesmo assim, esse tipo de anomalia não destrói as células, mas estressam as células, pois as obrigam a acompanhar a vibração do local. De fato incomodam diariamente a pessoa que não consegue dormir em nível celular.

Como não se dá o diagnóstico correto corre-se o risco de uma interpretação errônea, valorizando os resultados baseados no movimento do pêndulo. Como expliquei a radiestesia é somente um instrumento de captação de nossa própria percepção. A percepção não pensa, mas percebe e a nossa razão pensa, mas não percebe. Não posso utilizar o pêndulo e pensar que o que estou captando tem algum sentido por si só. Por isso é necessário conhecer as energias que estou medindo, em locais conhecidos, e aplicar o conhecimento perceptivo adquirido (nesses locais conhecidos) e estendê-los para locais desconhecidos e verificar se de fato são reais e não, simplesmente, imaginativos.

Essa interação: homem e natureza nos trazem à consciência: que somos uma única unidade em uma natureza de grande diversidade.

A busca da unidade na diversidade significa perceber que reagimos com o meio ambiente e que não somos andróides e supormos que nos desligamos à noite ao dormir. Constantemente estamos em interação com a natureza e sofremos os seus efeitos. Se não acordarmos para essa percepção e continuarmos a pensar que nada nos acontece e que agindo como se fôssemos independentes da natureza, do meio ambiente, sofreremos os seus efeitos benéficos e nefastos, sem tomar a mínima consciência dessa interação dinâmica e real.

Continuaremos.... 15,2.10

Marcos Alves de Almeida (www.geomarcosmeioambiente.com.br)

